



**EMMANUEL FRANCO (1919-2008):  
ENGENHEIRO AGRÔNOMO, PROFESSOR E PESQUISADOR<sup>1</sup>**

**EMMANUEL FRANCO (1919-2008)  
AGRONOMIST, PROFESSOR AND RESEARCHER**

**EMMANUEL FRANCO (1919-2008)  
INGENIERO AGRÓNOMO, PROFESOR Y INVESTIGADOR**

**Joaquim Tavares da Conceição**

Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: joaquimcodapufs@gmail.com

**Jorge Carvalho do Nascimento**

Doutor em Educação pela PUC-SP

Professor aposentado da Universidade Federal de Sergipe

E-mail: jocarna@uol.com.br

**Marco Arlindo Amorim Melo Nery**

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS) – Campus Aracaju

E-mail: marcoarlindo@hotmail.com

**RESUMO:**

Este artigo procura compreender aspectos da trajetória de vida de Emmanuel Franco (1919-2008), especialmente, evidenciando sua formação educacional, suas ações e realizações enquanto pesquisador, engenheiro agrônomo, professor e escritor. A pesquisa parte do pressuposto que o estudo sobre uma determinada trajetória de vida é fonte importante para a compreensão e escrita da história de uma determinada sociedade. Nesse sentido, pesquisar a vida deste engenheiro agrônomo sergipano, ao tempo em que evidencia suas contribuições em diversos campos, também lança luzes sobre temas como pesquisas agronômicas e biogeográficas, ensino agronômico e agrícola, formação do campo profissional dos engenheiros agrônomos e sobre instituições educacionais por onde passou na qualidade de aluno ou professor.

**Palavras-chave:** Agronomia; Emmanuel Franco; Esboço Biográfico.

---

**ABSTRACT:**

This article seeks to understand aspects of the life story of Emmanuel Franco (1919-2008), especially showing his educational background and his actions and accomplishments as a researcher, an agronomist, professor and writer. The research assumes that the study of a particular trajectory of life is an important source for understanding and writing history of a given society. In this sense, to research the life of an agronomist of Sergipe, while it highlights his contributions in various fields, also sheds light on topics such as agronomic and biogeographic research, agronomic education and agricultural training of the professional field of agronomists and on educational institutions where passed as a student or teacher.

**Keywords:** Agronomy; Emmanuel Franco; Biographical Sketch.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (RIHGS)**, Nº 46/2, 2016. Aqui está republicado com ligeiras modificações e adaptado às normas e ao formato da GeoNordeste. Agradecemos ao Editor da RIHGS e aos autores pela autorização para republicação na seção memória da presente edição.

**RESUMEN:**

Este artículo busca comprender aspectos de la trayectoria de vida de Emmanuel Franco (1919-2008), especialmente, evidenciando su formación educativa, sus acciones y realizaciones como investigador, ingeniero agrónomo, profesor y escritor. La investigación parte del supuesto que el estudio sobre una determinada trayectoria de vida es fuente importante para la comprensión y escritura de la historia de una determinada sociedad. En este sentido, investigar la vida de este ingeniero agrónomo sergipano, al tiempo que evidencia sus contribuciones en diversos campos, también lanza luces sobre temas como investigaciones agronómicas y biogeográficas, enseñanza agronómica y agrícola, formación del campo profesional de los ingenieros agrónomos y sobre instituciones educativas donde pasó en calidad de alumno o profesor.

**Palabras clave:** Agronomía; Emmanuel Franco; Esbozo Biográfico.

**1 INTRODUÇÃO**

Este artigo procura compreender aspectos da trajetória de vida de Emmanuel Franco (1919-2008), especialmente evidenciado sua formação educacional e suas ações e realizações como pesquisador, engenheiro agrônomo, professor e escritor. A análise parte do pressuposto que o estudo sobre uma determinada trajetória de vida é fonte importante para a compreensão e escrita da histórica de uma determinada sociedade<sup>2</sup>. Não obstante a tentativa de observar o sujeito em múltiplas dimensões, esse estudo apresenta-se como um esboço biográfico, entendendo que a construção de uma biografia necessitaria de maior alcance e aprofundamento de fontes, dados e das relações com o tempo vivido pelo sujeito. E, mesmo no caso de estudo biográfico “[...] acrescenta-se ainda a incapacidade de se ‘dominar a singularidade irreduzível de uma vida’, como destacam muitos estudiosos<sup>3</sup>”.

O estudo igualmente considerou que toda estrutura mesmo sem pertencer ou ser criação de um indivíduo em particular, não pode ser pensada sem a participação dele. Nesse sentido, para o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990), para entender as estruturas é necessário observar as relações de interdependência existentes, no que diz respeito às funções desempenhadas pelos indivíduos<sup>4</sup>. Nesse intuito, para este estudo foram utilizados trabalhos publicados pelo próprio Emmanuel Franco (dezenove livros e mais de dois mil artigos), entrevistas, memórias e documentos de instituições nas quais atuou. Contudo, dois documentos se destacam: a entrevista concedida por ele ao professor e pesquisador Jorge Carvalho do Nascimento e o seu livro **Viagens: uma semente plantada**. A pesquisa também se valeu de dados obtidos através do levantamento bibliográfico de trabalhos<sup>5</sup> da historiografia sergipana que tomaram como objetos de estudo o ensino agrícola e a

<sup>2</sup> ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>3</sup> BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em trono da biografia. **Revista Horizontes**. v. 19. Bragança Paulista. Jan/dez, 2001, p. 6.

<sup>4</sup> ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>5</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar**: história do internato no Ensino Agrícola Federal (1934-1967). São Cristóvão: UFS, 2012; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004; NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A regeneração da**



primeira instituição fundada em Sergipe pelo Ministério da Agricultura para promover esse ramo de ensino. Após o estabelecimento das fontes, as informações obtidas nos diversos documentos produzidos foram submetidas a um cruzamento visando a gerar um passado<sup>6</sup>.

Depois de formado, Emmanuel Franco iniciou o exercício profissional da engenharia agrônoma nos Estados da Bahia e Maranhão, transferindo-se posteriormente para a sua terra natal, Sergipe. Além de atuar profissionalmente como engenheiro agrônomo, Emmanuel dedicou-se ao desenvolvimento da pesquisa agrônoma, destacando-se a sua dedicação ao estudo sobre a identificação e profilaxia da doença que ataca a cultura do coqueiro, denominada de “anel vermelho”<sup>7</sup>, trabalho referenciado nas comunicações técnicas da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA) e em revistas especializadas. A dedicação aos estudos lhe rendeu, logo após a formatura, uma bolsa de estudos para pesquisar a atividade canieira em diversos estados do Nordeste. Anos depois, outra bolsa de estudos, agora para permanecer durante um ano nos Estados Unidos da América, observando e aprendendo em diversos laboratórios de faculdades norte-americanas sobre questões relativas à pesquisa agrônoma.

Assim, o estudo da trajetória de Emmanuel Franco possibilita compreender aspectos do campo profissional da Agronomia, lançando luzes sobre temas como pesquisas agrônomicas e biogeográficas, ensino agrônomico e agrícola, formação do campo profissional dos engenheiros agrônomos e sobre instituições educacionais nas quais ele atuou na qualidade de aluno ou professor. Nesse sentido, o estudo da trajetória do indivíduo Emmanuel Franco é utilizado como um caminho para a proposição e/ou compreensão de questões mais amplas. Pois um estudo que toma como objeto a trajetória de um indivíduo “[...] deve ser capaz de passar do particular ao geral, do específico ao problema global, pois o que se pretende é privilegiar o enfoque social e integrador<sup>8</sup>”.

Desde o século XIX existem registros da presença de engenheiros agrônomos atuando na província de Sergipe. Em meados do século XX, o estado de Sergipe conheceu uma expansão significativa na quantidade de engenheiros agrônomos em atuação. Existiam em Sergipe vários órgãos governamentais e estabelecimentos, estaduais e federais, que buscavam tanto fomentar a economia agrícola quanto capacitar os agricultores, dando-lhes uma formação técnica adequada no sentido de melhor desenvolverem suas atividades agropecuárias. O Estado dispunha do

---

**infância pobre sergipana no início do Século XX:** o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>7</sup> FRANCO, E. **Estudos sobre o anel-vermelho do coqueiro**. Aracaju: Inspeção de Defesa Sanitária Vegetal, 1964.

<sup>8</sup> AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011.

Departamento do Algodão, da Estação Experimental de Plantas Têxteis, do Posto Zootécnico do Ibura, do Horto Botânico e da Escola Agrícola Benjamin Constant, entre outros estabelecimentos<sup>9</sup>.

Igualmente, desde o século XIX, agrônomos ou mesmo estudantes de agronomia, publicaram artigos em jornais sergipanos versando sobre técnicas de plantio e preparação do solo. Dentre os agrônomos que escreveram em jornais, no século XX, destacam-se: Bernardino Dantas, Urbano de Oliveira Lima Neto e Heitor Airlie Tavares. Desses, apenas Bernardino Dantas fora formado pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária de Niterói. Os demais foram formados pela Escola de Agricultura situada no Estado da Bahia. Foi também neste último estabelecimento que Emmanuel Franco buscou sua formação superior entre os anos de 1939 e 1942<sup>10</sup>.

## 2 A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO ESCOLAR

O professor e engenheiro agrônomo Emmanuel Franco nasceu no dia 10 de abril de 1919 na cidade de Laranjeiras, localizada na região da Cotinguiba<sup>11</sup>, dominada principalmente pelos engenhos de açúcar, que contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento daquela cidade<sup>12</sup>. Era filho Maria de Barros de Vasconcelos Franco e do fazendeiro José de Barros Pimentel Franco, dono do engenho Ribeira, situado naquele município. O seu avô paterno, Francisco de Barros Pimentel Franco<sup>13</sup>, era um médico oftalmologista que atuou em diversas cidades sergipanas durante as duas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, Emmanuel era herdeiro de uma longa tradição

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004; NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A regeneração da infância pobre sergipana no início do Século XX**: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004; NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A regeneração da infância pobre sergipana no início do Século XX**: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

<sup>11</sup> Compreende o território ao longo dos vales dos rios Japarutaba, Cotinguiba e Sergipe. Principal região sergipana produtora de açúcar. AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Um pé calçado, outro no chão**. Liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900). Salvador: EDUFBA; Aracaju: Editora do Diário Oficial, 2012.

<sup>12</sup> SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **Reordenamento do Trabalho**: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste Açucareiro, Sergipe 1850 – 1930. Aracaju: FUNCAJU, 2000.

<sup>13</sup> Francisco de Barros Pimentel Franco nasceu no dia 06 de novembro de 1879 no engenho Palmeira, município de Laranjeiras, e faleceu em Aracaju no dia 24 de abril de 1922. Formou-se em Medicina na Faculdade da Bahia, em 14 de dezembro de 1904. Porém, na mesma faculdade, já havia concluído a formação em Farmácia e Odontologia. Atuou como médico nos municípios de Propriá, Laranjeiras e, por último, em Aracaju, onde foi diretor de higiene, diretor da Assistência Pública e membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Sergipe. GUARANÁ, Manuel Armino Cordeiro. **Dicionário Bio-bibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti & Cia, 1925.



familiar reconhecida naquela região, portanto, imerso nas figurações<sup>14</sup> construídas por seus antepassados e que ele mesmo iria fortalecer-las criando novas figurações.

Até os 11 anos ele viveu na cidade de Laranjeiras, localizada no norte do Estado, à margem esquerda do rio Cotinguiba, berço de grandes proprietários rurais ligados ao cultivo e fabricação do açúcar. Desde o início do século XIX a cidade se destacava como centro principal do comércio importador e exportador da província e mantinha comunicação direta com a Europa, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro através da navegação marítima<sup>15</sup>. Nessa cidade, viveu sua infância morando em uma casa construída por seu avô paterno, na Praça da Matriz, composta por seis quartos, um gabinete, uma sala de visitas, banheiro, cozinha, depósito para mantimentos, além de um grande reservatório para acondicionar água da chuva, com o intuito de prover a casa em períodos de seca. Com ele viviam, além de seus pais, irmãos, uma empregada e uma tia viúva. Segundo Emmanuel, o lado materno da família tinha um histórico que registrava muitas doenças, visto que moravam em uma região, entre o Rio Sergipe e o Jacarecica, propensa aos surtos de impaludismo e esquistossomose. No entanto, aqueles que migraram para a cidade de Laranjeiras estavam menos sujeitos a tais males, visto que a cidade já dispunha de razoável estrutura urbanística<sup>16</sup>.

Era comum, em sua família, as crianças começarem a frequentar a escola a partir dos sete anos, visto que o ensino das primeiras letras era iniciado em casa por seus pais os quais dispunham de uma boa formação escolar, tendo ambos concluído os estudos secundários. Sua mãe havia sido aluna na escola da professora Possidônia Bragança de Azevedo, do Colégio Nossa Senhora Santana, uma das principais escolas para moças do estado de Sergipe, entre o final do século XIX e o início do século XX, enquanto seu pai havia estudado no Colégio Carneiro Ribeiro, no Estado da Bahia. O ensino ministrado por seus pais era caracterizado pela repetição e memorização de conteúdos. Era assim que, até completar sete anos de idade, ele e todos os seus irmãos aprenderam a ler e escrever, as quatro operações matemáticas, os nomes das principais cidades de Sergipe, as capitais do Brasil, os países mais importantes e suas respectivas capitais, entre outros conteúdos<sup>17</sup>.

O capital cultural transmitido pela família foi um grande fomentador para a formação posterior que iria alcançar. Criado em um mundo familiar privilegiado chegou à escola primária com um razoável processo de formação do *habitus* primário, que consiste nos princípios inculcados pela primeira educação e, dessa origem sociocultural, carregou com ele um conjunto de

<sup>14</sup> ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>15</sup> NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial II** (1840-1889). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

<sup>16</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.

<sup>17</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.

experiências que contribuíram para determinar a formação do *habitus* secundário que é a interiorização dos princípios de um arbitrário cultural<sup>18</sup>.

Após essa formação doméstica, Emmanuel foi estudar na escola da professora Eufrozina Amélia Guimarães, Dona Zizinha, reconhecida educadora da época, que mantinha em Laranjeiras uma escola particular de ensino misto. Também estudou na escola da professora pública Dona Merandolina. Nesse período de sua vida a rotina era ir à escola e brincar com os amigos na rua. Essa rotina de atividades foi mantida até 1930, quando a família se mudou para a capital do Estado, motivada pela possibilidade de continuidade dos estudos dele e de seus irmãos.

Na época, Aracaju, por sua condição de capital, congregava os maiores e mais renomados estabelecimentos de ensino, dispondo inclusive do ensino secundário<sup>19</sup>, e, por isso mais requisitados pelas famílias ricas e estratos médios da sociedade. Na fase de 1900 a 1930 foram implantadas algumas inovações e serviços em Aracaju que contribuíram para tornar a capital mais atrativa. As ruas onde estavam instaladas as casas comerciais e/ou os sobrados das classes ricas foram pavimentadas com pedras (1900), apareceram os serviços de transporte nos bondes de tração animal, água encanada (1908), esgotos sanitários (1914), energia elétrica, ferrovia, rede telefônica (1919) e os bondes elétricos (1926)<sup>20</sup>. Igualmente ocorreu o crescimento de firmas comerciais e o aumento do número de repartições públicas na capital do estado<sup>21</sup>. Essas mudanças e inovações estimularam a vinda de famílias interioranas para a capital em busca de instrução para os filhos. Seguindo também essa trajetória, do interior para a capital, é que Emmanuel Franco passou residir juntamente com sua família em Aracaju, onde prosseguiria os estudos como aluno do Colégio Tobias Barreto.

O Colégio<sup>22</sup> Tobias Barreto foi fundado<sup>23</sup> na cidade de Estância, interior do estado, no ano de 1909, pelo professor-diretor José de Alencar Cardoso, transferido para a capital em 1913, funcionando como internato<sup>24</sup> e semi-internato masculino e externato misto. O estabelecimento gozava de grande prestígio social adquirido pelo grande contingente de alunos egressos do colégio

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p.44.

<sup>19</sup> Pelo menos até o ano de 1935 o ensino secundário somente era ministrado em Aracaju, no Atheneu “Pedro II” – Atheneu Sergipense (público) e em dois colégios particulares: Tobias Barreto e N. S. Auxiliadora. SERGIPE. **O Estado de Sergipe em 1835**. Recursos possibilidades, desenvolvimento, estatística. Aracaju: Gráfica Editora, 1937.

<sup>20</sup> SERGIPE. Instituto de Economia e Pesquisas (INEP). *Aracaju*: INEP, 1983. (Série Monografias Municipais)

<sup>21</sup> DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

<sup>22</sup> Sobre a história do Colégio Tobias Barreto consultar: MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira. **Colégio Tobias Barreto**: escola ou quartel? (1909-1946). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.

<sup>23</sup> Estatutos do Colégio Tobias Barreto. **A Razão**, Estância, p. 3, 29 de jan. 1911.

<sup>24</sup> A respeito do internamento escolar no Colégio Tobias Barreto consultar: CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar**. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.



que alcançaram matrícula nas escolas superiores do país<sup>25</sup>, além de contar com um prestigiado corpo de professores catedráticos do Atheneu Atheneu Sergipense. No Colégio Tobias Barreto, Emmanuel Franco cursou quatro anos do ginásio, estudando, também, dois anos complementares. Após o Tobias Barreto, deu prosseguimento aos seus estudos no Atheneu Sergipense, à época, a principal instituição de ensino secundário do estado. Nesse estabelecimento teve contato com professores que marcaram a sua vida estudantil: Arthur Fortes, Abdias Bezerra e Oscar Nascimento, entre outros.

A condição de egresso de estabelecimentos escolares reconhecidos como formadores de grupos sociais ricos ou médios da sociedade sergipana, como são exemplos o Colégio Tobias Barreto e o Atheneu Sergipense, dentro da classificação escolar institui um sinal de distinção social, “[...] uma diferença social de estatuto, uma *relação de ordem definitiva*: os eleitos são marcados, por toda a vida, por sua pertinência (antigo aluno de ...); [...]”<sup>26</sup>. Portanto, na trajetória de vida de Emmanuel Franco é possível observar as estratégias de legitimação durante o processo de formação escolar, bem como no exercício da vida profissional. O capital social e o capital cultural foram mecanismos importantes para a ocupação de espaços sociais e para a visibilidade das práticas profissionais.

Terminados os estudos no Atheneu, o jovem Emmanuel foi à procura do que alude ter sido o seu grande sonho: a carreira militar, que aprendera a desejar desde os acontecimentos da Revolução de 1930. Para tanto, deslocou-se até o Estado da Bahia, onde estava sediada a região militar, a fim de ser submetido aos exames médicos – barreira que não conseguiu ultrapassar. Deste acontecimento demonstra ter guardado grande mágoa, afirmando que a sua dispensa foi motivada por não possuir o mesmo capital social do qual dispunham na corporação militar outros candidatos com os quais concorreu<sup>27</sup>.

Após ver seu sonho de seguir a carreira militar frustrado, resolveu permanecer no estado da Bahia e prestar seleção para a Escola de Agronomia da Bahia, localizada na cidade de Salvador, conseguindo a aprovação. Formou-se em 1942 e durante toda a sua formação como agrônomo, assumiu o discurso de formar uma nação forte, “um país de primeiro mundo”, por meio do desenvolvimento da pesquisa agrônômica. Essa defesa da agricultura científica seria um discurso que os profissionais agrônomos, a fim de consolidar e legitimar o campo<sup>28</sup> científico da agronomia, empreenderiam no decorrer do século XX. A modernização da agricultura brasileira, por meio dos postulados da agricultura científica, consistia na defesa da disseminação de descobertas e invenções

<sup>25</sup> FREIRE, M. Franco. **Relatório relativo às verificações necessárias à concessão de inspeção preliminar ao Colégio Tobias Barreto**, 22 de janeiro de 1933. Aracaju, 1933. DIES – Arquivo de Escolas Extintas.

<sup>26</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010, p. 38.

<sup>27</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre. **Os usos da ciência**: por uma Sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Editora Unesp, 2004.

científicas promovidas pelas Escolas Superiores de Agronomia, pelo Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas<sup>29</sup> e pelos conhecimentos advindos do intercâmbio com a produção científica dos Estados Unidos e da -Europa. Entre os conhecimentos e técnicas que os agentes agrônômicos procuravam disseminar no meio rural destacavam-se o controle fitossanitário (controle das doenças e pragas agrícolas), a utilização de novas espécies de cultivares, o melhoramento dos cultivares existentes, a produção de sementes e mudas selecionadas<sup>30</sup>. Assim, havia no campo da agronomia, posição desde logo incorporada pelo engenheiro agrônomo Emmanuel Franco, uma “[...] fé na ciência como valor máximo capaz de promover a reabilitação agrícola do país<sup>31</sup>”. Uma “regeneração” que dependia da atuação desses profissionais especializados, pois o “saber” tradicional do homem do campo já não podia dar conta do processo “renovador” que se apresentava destinado a debelar o “atraso” agrícola do país.

### 3 AGRÔNOMO E PROFESSOR

Depois de formado, Emmanuel Franco iniciou o exercício profissional da engenharia agrônômica nos Estados da Bahia e do Maranhão, transferindo-se posteriormente para a sua terra natal, Sergipe. Além de atuar profissionalmente, Emmanuel dedicou-se ao desenvolvimento da pesquisa agrônômica, destacando-se a sua dedicação ao estudo sobre a identificação e profilaxia da doença que ataca a cultura do coqueiro, denominada de “anel vermelho<sup>32</sup>”. Com esse estudo ganhou reconhecimento nacional.

Emmanuel Franco formou-se como engenheiro agrônomo em 1942, na Escola de Agronomia da Bahia, localizada na cidade de Salvador. Formado, contava com várias promessas de emprego do Interventor baiano, mas tais promessas não se concretizaram. Diante desse fato manteve correspondência com o Ministro da Agricultura, Apolônio Salles, que havia conhecido em um Congresso do qual havia participado. O ministro ofereceu-lhe o cargo de chefe do Posto de Defesa Agrícola do Maranhão. Todavia, neste intervalo de tempo obtivera a oferta de um emprego na Secretaria de Agricultura da Bahia, para trabalhar no município de Serrinha, no serviço de assistência técnica aos agricultores da região, onde permaneceu durante quatro meses. Antes de ir

<sup>29</sup> Criado pelo Decreto-lei nº 982, de 23 de dezembro de 1938, constituído pela Escola Nacional de Agronomia e Institutos de Química Agrícola, de Experimentação Agrícola, e de Ecologia Agrícola. BRASIL-MA. Ministério da Agricultura. **O Ministério da Agricultura no governo Getúlio Vargas (1930-1944)**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, 1945.

<sup>30</sup> BRASIL-MA. Ministério da Agricultura. **O Ministério da Agricultura no governo Getúlio Vargas (1930-1944)**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, 1945.

<sup>31</sup> MENDONÇA, Sonia Regina de. **O ruralismo brasileiro**. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 68.

<sup>32</sup> FRANCO, Emmanuel. **Estudo sobre o anel vermelho do coqueiro**. Aracaju: Regina, 1964.



para Serrinha recebeu, por intermédio do Professor Pedro Peres, uma bolsa de estudo patrocinada pela Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia para estudar as regiões canavieiras de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Após quatro meses de atuação na Secretaria de Agricultura da Bahia foi chamado para assumir a função de chefe do Posto de Defesa Agrícola do Maranhão, ainda no ano de 1943, onde permaneceu até o ano de 1945, ensinando aos agricultores daquele estado a combater doenças e pragas que atacavam as plantações. Passados dois anos no estado do Maranhão foi para São Paulo e desse, retornou a Sergipe assumindo o mesmo cargo que exercia no estado do Maranhão.

A atuação profissional do engenheiro agrônomo Emmanuel Franco é bastante elucidativa de como o tratamento técnico da agricultura e a ampliação da atuação dos agrônomos, tanto no Ministério da Agricultura como nas secretarias de agricultura dos estados, contribuíram para legitimar a atuação desses profissionais entre os produtores agrícolas. Para alcançar essa aproximação os órgãos estatais especializados colocaram em curso diversas estratégias educativas para a divulgação dos conhecimentos agronômicos. Uma delas, muito presente nos relatórios anuais dos Ministros da Agricultura do período de 1930 a 1940, foi os chamados “Campos de Cooperação”, ou programa de desenvolvimento da lavoura, consistindo em ensinamentos práticos levados aos agricultores pelos agentes agronômicos<sup>33</sup>. O agrônomo extensionista funcionava como intermediário entre a política agrária oficial e o produtor rural. Também denominada “agronomia social aplicada”, ou extensionismo rural, de forte influência americana<sup>34</sup>, que consistia no serviço oficial de divulgação e propaganda da agricultura técnica e científica, objetivando uma melhor produtividade rural e a fixação do homem ao campo. Essa ação educativa dos engenheiros agrônomos, na condição de extencionistas rurais, era vista pelo Ministério da Agricultura como fator importante para difusão entre os produtores rurais dos conhecimentos agronômicos, visando elevar a produtividade agrícola e debelar o “atraso” da agricultura brasileira<sup>35</sup>.

Mesmo já desempenhando suas funções de engenheiro agrônomo, Emmanuel Franco não se contentava com essas atividades e desejava se dedicar à pesquisa agronômica. A dedicação à pesquisa era uma característica adquirida ainda durante o processo de formação, quando dedicava parte do seu tempo de trabalho como estudante a Biblioteca da Faculdade de Agronomia, onde buscava respostas as suas inquietações. Diante desse objetivo, ao participar do II Congresso Latino Americano de Fitotecnia, realizado na cidade de São Paulo, ficou sabendo que a embaixada

<sup>33</sup> BRASIL-MA. Ministério da Agricultura. **O Ministério da Agricultura no governo Getúlio Vargas (1930-1944)**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Agricultura, 1945.

<sup>34</sup> NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004.

<sup>35</sup> TIMMER, Willy Johanan. **Planejamento do Trabalho em Extensão Agrícola**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1954.

americana estava oferecendo bolsas de estudo para pesquisadores na área da Agronomia. Aproveitou a oportunidade e embarcou para o Rio de Janeiro, com o intuito de candidatar-se a uma dessas bolsas. Durante a entrevista argumentou que mantinha contato com alguns pesquisadores americanos devido aos seus estudos sobre pragas denominadas de anel vermelho do coqueiro e a cigarrinha da cana-de-açúcar. Todo o esforço para conseguir a bolsa de estudos daria resultado e, no ano de 1952, Emmanuel Franco embarcava para passar um ano pesquisando e aprendendo nas universidades norte-americanas.

De fato, a influência americana no campo da agronomia brasileira vai estar presente na importação das técnicas agrícolas, nas visitas técnicas dos agrônomos brasileiros aos projetos agrícolas de produção e de ensino americanos, na implantação do ensino agrícola nos moldes americano e no financiamento por entidades do governo americano para a implantação deste ramo de ensino no Brasil<sup>36</sup>.

Durante sua estada nos Estados Unidos manteve contato com diversas pesquisas realizadas na área agrônômica em alguns estados e universidades americanas: em Beltsville, Maryland, aprendeu nematologia, buscando subsídios para solucionar o problema do anel vermelho do coqueiro, doença provocada por um nematóide. Depois foi para a Carolina do Norte, onde estudou a mosca do fumo. Na Louisiana estudou a cana-de-açúcar e na Flórida aprendeu sobre a citricultura, especificamente sobre o cultivo da laranja. Esse intercâmbio com as ideias disseminadas pelas instituições de ensino e pesquisa agrônômica dos Estados Unidos foi importante para que ele se apresentasse como agente legítimo para combater o “atraso” da agricultura brasileira, por meio das inovações propostas pela ciência agrônômica.

Após esta passagem pelos Estados Unidos, Emmanuel Franco ganhou destaque no campo agrônômico brasileiro, passando a publicar diversos artigos em jornais do estado de Sergipe, da Bahia, como “A Tarde”, e paulistanos, como “O Estado de São Paulo”.

As relações de amizade com o engenheiro agrônomo Wanderley do Prado Barreto, que trabalhava na Diretoria Regional Agrícola em Sergipe e, também, era diretor do Colégio Agrícola Benjamin Constant, resultou em convite para exercer a função de professor do Colégio em 1955. No Colégio Agrícola lecionou, inicialmente, duas disciplinas: Economia Política e Agricultura. Mas, não estava satisfeito em ensinar no colégio, pois não vislumbrava perspectiva para dar continuidade as suas pesquisas agrônômicas<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> MENDONÇA, Sonia Regina de. **Agronomia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004.

<sup>37</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.



A origem do Colégio Agrícola, instituição onde Emmanuel Franco atuou como professor no período de 1955 a 1989, ocorreu no ano de 1924 quando surgiu o Patronato Agrícola São Maurício<sup>38</sup>, fundado pelo então Presidente do estado, Maurício Graccho Cardoso. No ano de 1934, com a federalização do Patronato, foi implantado em seu lugar o Aprendizado Agrícola de Sergipe. No período de 1934 a 1967, a escola esteve vinculada ao Ministério da Agricultura. Nesse espaço de tempo funcionou e desenvolveu diversos modelos de ensino agrícola como: Aprendizado Agrícola (1934-1947), Escola de Iniciação Agrícola (1946-1952), Escola Agrícola (1952-1957), Escola Agrotécnica (1957-1964) e Colégio Agrícola (1964-1967). Em 1967, ocorreu a transferência do ensino agrícola e de toda a rede federal dos estabelecimentos desse ramo de ensino do Ministério da Agricultura para a competência do Ministério da Educação<sup>39</sup>. A partir do ano de 1979 o antigo Colégio Agrícola recebeu a denominação<sup>40</sup> de Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão e atualmente é parte integrante do Instituto Federal de Sergipe (IFS) – *Campus São Cristóvão*.

Outro campo de atuação no magistério foi aberto para Emmanuel Franco quando aceitou o convite do Bispo Dom Luciano Cabral Duarte para lecionar a disciplina Biogeografia na Faculdade de Filosofia. Segundo ele, a disciplina era uma novidade, não só para ele como para qualquer outro professor no Brasil, como explica:

O padre Luciano veio aqui em casa me convidar para ensinar lá, Biogeografia, que ninguém sabia o que era isso, nem eu, nem ninguém no Brasil sabia o que era Biogeografia. Ele me chamou. Aí eu fiz um amigo na Livraria Cosmos, no Rio de Janeiro, e escrevi para ele... e pedi que ele procurasse um livro sobre Biogeografia no mundo inteiro. Ele achou e me mandou<sup>41</sup>.

Desta forma, o professor Emmanuel Franco exerceu o magistério na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (1955-1988), Escola Superior de Química (1964-1968), Universidade Federal de Sergipe (1968-1991). Aposentou-se desta última como professor Livre Docente, por ter defendido em 1976, a tese intitulada **Estudo ecológico do clima de Sergipe**, apresentada ao Departamento de Geografia. Contudo, a instituição na qual viveu mais intensamente a prática docente foi na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão. Nesta instituição, Emmanuel Franco,

<sup>38</sup> Instituição assistencial dedicada à regeneração de menores desvalidos e formação de mão-de-obra agrícola. NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A Regeneração da Infância Pobre Sergipana no início do Século XX: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas**. São Cristóvão. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. UFS. 2006.

<sup>39</sup> BRASIL. Decreto nº 60.731, de 19 de maio de 1967. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. **SICON** (Sistema de Informações do Congresso Nacional), 1967. Disponível em: <<<http://www.senado.gov.br/sicon>>>

<sup>40</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar: história do internato no Ensino Agrícola Federal (1934-1967)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado: oitenta anos de ensino agrícola**. Maceió: Edições Catavento, 2004.

<sup>41</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.

acompanhou sucessivas gestões de diretores: Wanderley do Prado Barreto, de 1953 a 1962; Tennysson Aragão, de 1962 a 1964; Zaldo Lima, de 1964 a 1966; Laonte Gama da Silva, de 1966 a 1982; e, Francisco Gonçalves, de 1982 a 1988. Destas administrações, o professor Emmanuel Franco destaca a gestão de Laonte Gama, o qual dirigiu o Colégio durante quase toda a ditadura civil-militar. Sob a sua administração, vários professores foram incorporados à instituição, dando-lhe uma nova dinâmica, sendo fator importante para tanto o deslocamento da responsabilidade pelos colégios agrícolas do âmbito do Ministério da Agricultura para a órbita do Ministério da Educação. Esta mudança no controle da instituição, porém, é vista com ressalvas e descontentamento por Emmanuel Franco. Segundo ele, a instituição se descaracterizou, pois deixou de responder a sua área de origem, a agrícola e passou para o Ministério da Educação, que não dava a mesma importância ao Colégio. Tal entendimento é compartilhado por outros professores da instituição. No livro *Memórias do Aprendizado* (2004), Jorge Carvalho do Nascimento estabeleceu muito bem o conflito de ideias gerado na instituição naquele momento. Segundo Nascimento:

[...] o debate, na verdade, revela uma posição extremamente preconceituosa de alguns profissionais que atuavam no Colégio quanto a necessidade de incorporar padrões pedagógicos ao seu trabalho, o que não fora visto como necessidade profissional docente enquanto a instituição esteve subordinada ao controle do Ministério da Agricultura<sup>42</sup>.

Além dessa discussão, o professor Emmanuel Franco relembra um outro momento de debates na instituição quando se cogitou a possibilidade de implantar a Universidade Federal de Sergipe nas terras pertencentes ao Colégio. A sua posição era a favor de ceder as terras para a construção do campus da Universidade. Porém, os demais professores posicionaram-se contra, alegando que os alunos que procuravam a escola não teriam um outro local com o mesmo perfil educacional para estudarem. Apesar de a Escola haver vivido momentos tão controversos, Emmanuel Franco afirma que um dos grandes méritos da instituição era a amizade entre professores, o que, de certa forma, reflete o corporativismo presente no cotidiano do estabelecimento<sup>43</sup>.

Os anos se passaram e Emmanuel Franco continuou a desempenhar as suas funções no Colégio Agrícola e, ao que parece, a educação inicial dada pelos pais, baseada na memorização se fazia presente em sua prática pedagógica. Tal direcionamento tornava-se mais evidente em suas avaliações, das quais o agrônomo recorda, asseverando: “descascava, descascava, mandava fazer

<sup>42</sup> NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004, p. 136.

<sup>43</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.



provas de 18 páginas, 20 páginas, escrevam”. Para Emmanuel as provas serviriam para desenvolver o raciocínio, como fica patente em uma outra passagem de sua fala: “[...] mas a gente não procurava eliminar ninguém não, procurava ajudar, eu, por exemplo, passava provas quilométricas”. Ao que parece, a falta da formação didático-pedagógica acabava por fazer falta no exercício da docência por engenheiros agrônomos nos estabelecimentos de ensino agrícola.

Durante os 34 anos em que foi professor da Instituição nunca exerceu qualquer cargo diretivo. Isto, segundo ele, devido à remuneração ser equivalente a que ganhava como Diretor do Posto de Defesa Agrícola. No ano de 1989, aos 70 anos de idade, Emmanuel Franco aposentou-se nas funções de diretor do Posto de Defesa Agrícola e de professor da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, que ele recorda como Colégio Agrícola, antiga denominação da instituição.

#### 4 A PRODUÇÃO DO AGRÔNOMO CIENTISTA

Emmanuel Franco produziu uma obra eclética. Os seus escritos (tese, livros e artigos<sup>44</sup>) abordam assuntos técnico-científicos dos campos da Agronomia, da Agroecologia e da Biogeografia, bem como temas que versam sobre aspectos históricos e culturais do estado de Sergipe.

Suas publicações técnico-científicas agronômicas se referem à sanidade vegetal, ecologia e ao ensino profissional agrícola. Aproveitando os conhecimentos adquiridos na especialização em fitopatologia realizada nos Estados Unidos e a experiência profissional na Divisão de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura, escreveu vários artigos e livros sobre doenças e pragas da lavoura brasileira. Destacam-se a divulgação da identificação, controle e combate das pragas e doenças das culturas da cana-de-açúcar, algodão, laranja, fumo e coqueiro. Sobretudo, o seu estudo de maior repercussão intitulado **Estudo sobre o anel vermelho do coqueiro** (1964), que identifica uma patologia da cultura do coqueiral, denominada anel vermelho do coqueiro, e sua forma de profilaxia e combate.

Além da preocupação com as questões fitossanitárias preocupou-se com o manejo racional do solo, tendo publicado o livro **Estudos de Ecologia e Reflorestamento** (1956), onde demonstra preocupação com a preservação do meio ambiente e a necessidade de cultivar sem destruir o ecossistema. E, em 1960, apresentou um estudo intitulado **Aproveitamento dos vales de Sergipe**, sobre a importância para a agricultura dos vales de Sergipe. Nesse estudo ele demonstra, com

<sup>44</sup> Da segunda metade da década de 50 até a década de 60 do século XX escreveu vários artigos para o jornal Gazeta de Sergipe.

riqueza de informações, grande conhecimento sobre as bacias hidrográficas e a geomorfologia do espaço geográfico sergipano.

Ainda sobre as questões propriamente agronômicas produziu um estudo sobre a educação e ensino agrícola nos Estados Unidos, intitulado **Bases da Agricultura Americana** (1954). Nesse estudo descreve o que chama de três bases da agricultura americana: o sistema de créditos da universidade americana, a pesquisa científica e o serviço de extensão rural. Defende a utilização desses três aspectos na educação brasileira, principalmente o incentivo às pesquisas científicas agronômicas e a sua propagação através de um adequado serviço de extensão rural.

Um segundo grupo de estudos trata de temáticas que versam sobre aspectos da Geografia sergipana<sup>45</sup>. São abordadas as formações vegetais, bacias hidrográficas, ecologia e clima do território sergipano. Neles, o autor revela seu envolvimento com a disciplina Biogeografia, que lecionou de 1968 a 1991, como professor fundador e titular desta disciplina na Universidade Federal de Sergipe.

O estudo, que serviu de base para as futuras publicações sobre Biogeografia, foi sua Tese de Livre Docência intitulada **Estudo ecológico do clima de Sergipe** (1976), apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. A partir dessa tese publicou os livros **Biogeografia do Estado de Sergipe** (1983), pesquisa sobre os solos, fauna, vegetação e clima; **As formações vegetais do globo terrestre: biocenologia**, (1993), versando principalmente sobre manguezais, e florestas e caatinga do Nordeste do Brasil.

No entanto, o agrônomo já havia se insinuado nos estudos geográficos em 1960, quando publicou **Aproveitamento dos vales de Sergipe** e, em 1965, com **A segurança das chuvas em Sergipe**. Nesses livros, embora aborde a temática Biogeografia, a pesquisa adquire uma importância no campo da Agronomia, pois o autor teve como objetivo contribuir para o aproveitamento racional dos períodos chuvosos e dos vales fluviais para uma maior produtividade dos cultivos agrícolas em Sergipe.

O terceiro grupo são pesquisas livres sobre história e cultura do estado de Sergipe. O agrônomo publicou artigos e livros sobre a colonização, limites, e aspectos da História Colonial de Sergipe, destacando-se **A colonização da capitania de Sergipe D’El-Rei**, em 1999 e **O povo e a linguagem de Sergipe**. Demonstra ter consultado fontes primárias da história sergipana, como a “Carta do Padre Inácio de Toloza”. No entanto, os estudos não trazem inovações interpretativas sobre a história e a cultura do Estado. O autor utiliza um método descritivo dos fatos históricos e segue interpretações já consagradas pela historiografia tradicional.

<sup>45</sup> Os estudos sobre Biogeografia também abordam outro Estado brasileiro, pois em 1989 ele publicou o livro **Biogeografia do Estado da Paraíba**.



## 5 NOTAS FINAIS

### O imortal da Academia Sergipana de Letras

Devido a sua produção científica, Emmanuel Franco se considerou habilitado a pleitear um dos assentos da Academia Sergipana da Letras. Para conseguir a indicação do seu nome, o próprio Emmanuel visitou 22 membros da Academia, pedindo apoio à sua candidatura. No dia da votação apenas três imortais se manifestaram contra. Sobre os votos contrários, Emmanuel assevera que alguns alegaram ser ele um homem de temperamento difícil. Talvez tal alegação esteja diretamente ligada ao fato de Emmanuel Franco ter pouca afinidade com o trabalho em grupo, pois em todos os momentos nos quais foi perguntado sobre a sua atuação política respondia enfaticamente que não nasceu para ser subserviente e sim para ser o chefe. A partir de 1984, portanto, Emmanuel Franco dedicou a maior parte do tempo às atividades da Academia.

Pouco tempo depois de tomar posse na Academia articulou-se com os demais imortais no sentido de adotar a prática das reuniões semanais: “A Academia não existia quando eu entrei. Epifânio Dória, antes de morrer, chamou-me para estudar no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aí me chamou, e eu disse: ‘vamos nos reunir’. [...] eu, Uchoa, ele e Benjamin de Carvalho. Nos reuníamos todas segundas-feiras. Então, ficou a prática<sup>46</sup>”.

Emmanuel Franco continuou escrevendo e participando assiduamente das reuniões semanais na Academia Sergipana de Letras e em 2005 publicou **Viagens: uma semente plantada**, um livro de memórias sobre a Agronomia em Sergipe, sua formação e atuação como agrônomo, suas viagens de trabalho e estudos, destacando a importância e influência dos norte-americanos para o desenvolvimento da ciência agrônoma e do ensino agrícola no Brasil. De 1974 até 2008, ano do seu falecimento, foi reconhecido e condecorado por diversas instituições de âmbito nacional e estadual recebendo, entre outras, a Medalha do Mérito Agrícola, Professor Emérito da Universidade Federal de Sergipe, Diploma no Jubileu de Ouro.

Além da atuação como agrônomo pesquisador e professor, Dr. Emmanuel Franco se dedicou a diversas atividades culturais na qualidade de membro da Academia Sergipana de Letras (1970) e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Os seus escritos principais resultam do desenvolvimento de pesquisas científicas agrônomicas, com destaque maior para a descoberta e combate da doença “anel vermelho do coqueiro”.

<sup>46</sup> FRANCO, Emmanuel. Entrevista concedida a Jorge Carvalho do Nascimento, no dia 21 de dezembro de 2003.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Um pé calçado, outro no chão**. Liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900). Salvador: EDUFBA; Aracaju: Editora do Diário Oficial, 2012.
- AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da escrita biográfica. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011.
- BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em trono da biografia. **Revista Horizontes**. v. 19. Bragança Paulista. Jan/dez, 2001
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar**: história do internato no Ensino Agrícola Federal (1934-1967). São Cristóvão: UFS, 2012.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar**. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FRANCO, E. **Estudos sobre o anel-vermelho do coqueiro**. Aracaju: Inspetoria de Defesa Sanitária Vegetal, 1964.
- FRANCO, E. **Estudo ecológico do clima de Sergipe**. Tese (Livre Docência em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, 1976.
- FRANCO, E. **Biogeografia do Estado de Sergipe**. Aracaju: edição do autor, 1983.
- GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. **Dicionário Bio-bibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti & Cia, 1925.
- MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira. **Colégio Tobias Barreto**: escola ou quartel? (1909-1946). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. **O ruralismo brasileiro**. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 68.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias do Aprendizado**: oitenta anos de ensino agrícola. Maceió: Edições Catavento, 2004.



NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. **A regeneração da infância pobre sergipana no início do Século XX**: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2006.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial II** (1840-1889). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos. **Reordenamento do Trabalho**: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste Açucareiro, Sergipe 1850 – 1930. Aracaju: FUNCAJU, 2000.

TIMMER, Willy Johanan. **Planejamento do Trabalho em Extensão Agrícola**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1954.

